



*Síntese dos resultados do processo INDABAS sobre famílias e diversidade sexual 2014.<sup>1</sup>*

**1) Sintetizando**

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil esteve reunida no ano de 2014 em três momentos para escutar e dialogar sobre “famílias e diversidade sexual”. O primeiro foi realizado em Curitiba – PR nos dias 26 a 28 de setembro, o segundo em Brasília nos dias 10 a 12 de outubro e o terceiro em Porto Alegre – RS nos 21 a 23 de novembro. Os três encontros com representações de leigos (as), clérigos (as) teve como propósito – além de escutar e dialogar – orar, meditar e discutir como processo de reflexão chamado de INDABA acerca desse tema tão importante e ao mesmo tempo desafiante para a Igreja.

Esta escuta e diálogos se deram a partir da necessidade de ouvir as comunidades sobre um tema tabu na sociedade e na Igreja que é a união homoafetiva.

A maior preocupação nos encontros foi buscar caminhos de inclusão, visto que se vive num momento de transição histórica: por um lado aberturas de diálogos, por outro a extrema cultura conservadora. Por conta dessa dicotomia social, existem claramente influências desta sociedade que são refletidas na vida eclesial.

A partir dessa mudança social e pela preocupação da Igreja em discutir assuntos como a questão da sexualidade e união de pessoas do mesmo sexo, pensa-se em dar uma resposta corajosa em que se reflita sobre as perdas e os ganhos em que sobrecarregará a vida da Igreja.

Essa resposta da Igreja tem como ponto de partida sua vocação. Qual é a vocação da Igreja? Entre outras que a identificam, não se pode deixar de lado a característica da inclusão. Enquanto houver na sociedade qualquer sinal de exclusão a Igreja deve reagir a todas elas como sinal de sua vocação. Da vocação à inclusividade, dá-se a resposta à vontade de Deus.

A inclusão, porém, pode culminar na exclusão de outros aspectos na vida da Igreja. É importante ter prudência diante da abertura em relação à união de pessoas do mesmo sexo. Corremos o risco de, ao incluir pessoas, a partir de tomadas de posições impositivas, podemos excluir outras. É coerente que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil promova discussões (“indabinhas”), que chegue à base, às mais variadas correntes do Anglicanismo, reunindo posições favoráveis e contrárias, para, enfim, desencadear soluções mais próximas da postura lúcida e madura em relação aos aspectos pastorais que a Igreja se compromete. Mas, é fundamental que isto seja feito de maneira democrática em que o peso maior seja respeitado. *“Há urgente necessidade da criação de vocabulários para tratar do tema das sexualidades e de que essas discussões cheguem de verdade às comunidades de base”*.

As discussões não podem ser realizadas de qualquer jeito, deve-se considerar embasamento teológico e bíblico para enriquecer tanto o aspecto positivo quanto o negativo desse diálogo. Pois, conforme opinião de um participante, o que foi dito, até agora, refletiu um papel apenas de militância.

Percebe-se ausência de material com maiores informações sobre a sexualidade humana, gênero e família; tais materiais são imprescindíveis às comunidades para que tenham em mãos o assunto melhor apresentado. Pois o tema é complexo e mexe com as estruturas do ser humano, independente da sexualidade.

Lembrando que, em se tratando de formação humano-cristã, existe a chamada “educação castradora” em que, de maneira geral, a sexualidade sempre foi assunto proibido, conseqüentemente a homossexualidade é, mais ainda, extremamente complexa.

Considerando a importância profética da Igreja, não se pode negar que tais discussões sobre a diversidade sexual trazem à vida pastoral uma nova forma de aprender com o que o Evangelho nos provoca a ensinar: o combate às visões fundamentalistas cristãs que têm incentivado o ódio e a violência homofóbica. *“Temos de estar prontos para o desafio e expectativas pastorais que chegarão até nós e dar testemunho perante a realidade de violência contra pessoas LGBTs, diariamente vista em nossa sociedade”*. A Igreja, portanto, é portadora dessa profecia, pois lhe falta o discurso de aceitação e aplicação prática da inclusividade que já existe ao seu discurso.

É importante destacar que a Igreja Anglicana não faz acepção de pessoas, tão pouco as exclui por serem casadas ou não sacramentalmente. A maior dificuldade e tensão estão justamente no debate a respeito do sacramento do matrimônio. *“Deve ficar mais clara a visão teológica do matrimônio na Igreja Anglicana: sacramento, rito sacramental, ou bênção?”* É importante que haja entendimento claro, pois haverá um choque de valores e conseqüentemente mudanças culturais da aceitação ou não da união de pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, *“o casamento é mais uma questão cultural do que bíblica, o matrimônio na Igreja é algo posterior à realidade bíblica.”* Há uma construção cultural e social maior e mais relevante. *“Não devemos subestimar as nossas comunidades, mas sim colocá-las como polos ativos no processo de construção dialogal das Escrituras”*. Pois, *“o tripé do anglicanismo (Bíblia – Tradição – Razão/experiência) deve nortear a nossa interpretação bíblica, o papel da Escritura deve ser a partir desse tripé. Lembrar que nós estamos inseridos numa Igreja que tem, inclusive, chaves de leitura próprias. Além de considerar o olhar amoroso e misericordioso de Deus”*.

É indispensável aprofundar o assunto sobre a diversidade sexual. Trata-se de um tema tabu, pois vivemos numa sociedade conservadora e preconceituosa e, por conseqüência, professamos uma fé fechada o tema da diversidade, pois se vê a sexualidade como um pecado e não se aceitam as pessoas que são homossexuais, rotuladas como “pessoas pecadoras”. É preciso que haja conceituação sobre o que é pecado e que a homossexualidade não seja “uma pedra no caminho da Igreja”. *“O debate é fundamental para a desconstrução de paradigmas e abertura à diversidade. O que vai ao encontro do Evangelho que proclamamos: Jesus acolhendo a todos”*.

Em relação ao acolhimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, *“há muitos casos de aceitação na vida da Igreja. Mas nós que estamos à frente das comunidades, temos que nos afastar das posições extremadas. Deparamo-nos com muitos casos de pessoas que se descobrem homossexuais e que não são acolhidas em suas Igrejas. E a IEAB pode entrar com seu testemunho de uma Igreja acolhedora e fraterna”*.

*“O tema de famílias e diversidade sexual tem se mostrado uma realidade que necessita ser discutida porque a sociedade e a Igreja estão vivenciando experiências relacionadas. Portanto, a IEAB discute este assunto não com o intuito de posicionar-se com uma decisão final, mas iluminar o seu povo, que aparentemente está vindo em busca da aceitação e inclusão de pessoas e famílias que não seguem o padrão heteronormativo”*. Porém, devemos ouvir e acolher, como parte da discussão, os pensamentos distintos dentro da Igreja, dando especial atenção ao diálogo com a juventude, que é, de fato, quem dará continuidade a esta Igreja.

A discussão sobre famílias e diversidade sexual não pode focar somente num lado que abrangeria as pessoas homossexuais, mas também as outras configurações familiares, visto que a pessoa humana é imagem e semelhança de Deus – homo e hétero – e a dimensão humana não se reduz ao gênero e/ou à orientação sexual, mas Deus nos vê como um todo. Esclarecer com lúcida compreensão e aprofundamento sobre a sexualidade humana é o ponto de partida para que se tenham conteúdos abrangentes e que existam de fato

diálogos sobre a dimensão homoafetiva. *“Inclusão deve ser plena – entre héteros e homossexuais – mas não está acontecendo assim. Fala-se muito dos homossexuais, mas gênero e etnia não: há poucas mulheres bispas (no Brasil, nenhuma), poucos negros ordenados”*. As questões de gênero e sexualidade têm sido discutidas na Comunhão Anglicana desde 1970. Podemos dizer que, no Brasil, já estamos discutindo formalmente esses temas desde a década de 1980. Precisamos avaliar os resultados concretos dessas discussões na vida da Igreja. Esses temas precisam sair da invisibilidade e atingir as nossas comunidades em sua totalidade. Lembrando que estamos tratando de pessoas com suas vidas, cheias de dores e preconceitos.

Essa discussão levanta uma série de questionamentos para a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil:

- Como o assunto seria recebido nas comunidades?
- Como a IEAB lidará com as comunidades contrárias no caso de aprovação da bênção da união de pessoas do mesmo sexo?
- Como abordar o assunto à luz das Escrituras?
- Como será recebida a negativa do reverendo em celebrar o matrimônio homoafetivo?
- Como respeitar os direitos das minorias e, ao mesmo tempo, não expor os indivíduos envolvidos em relações homoafetivas?
- Será que as discussões que fazemos aqui são as mesmas que as comunidades estão fazendo?

## 2) *Considerações finais*

### **VER**

O que vemos, ouvindo nosso povo, a partir do tema proposto?

A IEAB é uma Igreja que acolhe, inclui e ouve seus membros. Em síntese, os três encontros sinalizaram uma maior abertura em dialogar sobre o tema das “famílias e diversidade sexual”, conforme a síntese acima apresentada. Pelo que se percebeu nos INDABAS existe uma preocupação em não excluir as pessoas homossexuais, mas em discutir o assunto com coerência e prudência, levando em consideração a vida, a história e a caminhada da Igreja.

### **JULGAR**

A IEAB enquanto instituição divina promove a espiritualidade cristã considerando o tripé dessa espiritualidade: Bíblia – Tradição – Razão/experiência. A oração e a vida litúrgica da Igreja são indispensáveis para querer e buscar entender o que Deus quer de nós. E percebeu-se que a Igreja precisa enriquecer com mais conteúdo, seja teológico e bíblico, o assunto sobre “famílias e diversidade sexual” para que haja maior compreensão e que esses estudos cheguem à base – com linguagem simples e clara – afim de que o nosso povo tenha conhecimento do que, de fato, está sendo discutido no que se refere a este tema.

### **AGIR**

A IEAB é, por sua tradição e opção, uma Igreja inclusiva e atenta aos sinais dos tempos. É de sua natureza promover a justiça e a paz e, conforme sua história, sempre esteve à frente das demais comunidades cristãs no que tange a ações voltadas à reforma da vida cristã. Dessa forma, a partir das discussões, percebeu-se que é fundamental que ela continue defendendo a vida das pessoas excluídas, oferecendo espaço de convivência, na luta pelos direitos das pessoas homossexuais e na promoção da diversidade, de tal forma que se observe as diferentes maneiras de viver a família (famílias) e que este assunto não se esgote. É de interesse dos participantes dos INDABAS que a questão da inclusão seja cada vez mais enriquecida e aprofundada e seja uma realidade na vida da IEAB. Para esse propósito, é interesse dos participantes dos

INDABAS o encaminhamento –pastoral, teológico, litúrgico e canônico- a todas as instancias provinciais, sobre a benção de pessoas do mesmo sexo. Finalmente, destaca-se como uma escolha feliz o lema motivador dos INDABAS: “*Todo o ser humano é precioso aos olhos de Deus*”.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a **Claudio Corrêa de Miranda** pela elaboração inicial da síntese. Texto revisado e aprovado pela coordenação do CEA, em 06 de março de 2015.